

**ENTREVISTA COM O ARTISTA  
TEUTO-BRASILEIRO ALMIR MAVIGNIER  
SOBRE O CONCRETISMO BRASILEIRO**  
**AN INTERVIEW WITH GERMAN-BRAZILIAN  
ARTIST ALMIR MAVIGNIER ON BRAZILIAN  
CONCRETE ART**

**Luis Fernando Silva Sandes\***

***Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP  
Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais  
luis.sandes@gmail.com***

**PALAVRAS-CHAVE**

**Arte concreta | Arte brasileira | Almir Mavignier | Artista emigrado | Abstração geométrica**

**KEYWORDS**

**Concrete art | Brazilian art | Almir Mavignier | Emigrant artist | Geometric abstraction**

\*O autor recebe auxílio financeiro da Capes.



**Figs. 01-** Obra intitulada "Progressão e rotação". Óleo sobre madeira. 70x70cm. 1952-3. Coleção Mavignier. Fotografia de Fischer-Daber. Extraída de: AMARAL, Aracy. Mavignier 75. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2000.

Almir Mavignier, artista, *designer* gráfico e professor, abordado com pedido de entrevista, inicialmente recusou dizendo que, "com 90 anos de idade, sou obrigado a me distanciar de participar de entrevistas". Após insistência, respondeu sucintamente a quinze questões acerca de personagens do concretismo brasileiro, tais como o crítico de arte Mário Pedrosa, o artista italo-brasileiro Waldemar Cordeiro, o artista italiano residente no Brasil Alfredo Volpi, além de tópicos como a Bienal de São Paulo e as diferenças entre artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A entrevista faz parte de uma série de entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa de mestrado em sociologia, que está a ser desenvolvida pelo autor, na qual se estuda a afirmação da geração de artistas concretistas na cidade de São Paulo em meados do século XX. O objetivo das entrevistas foi colher informações dos entrevistados, a partir de seus pontos de vista específicos, acerca de eventos e assuntos cruciais para o estabelecimento do concretismo brasileiro nos anos de 1950, movimento de vanguarda calcado na abstração geométrica e influenciado por correntes artísticas europeias.

Dada a resistência inicial de Mavignier, foi feito um recorte no questionário antes enviado, que era um conjunto completo de perguntas idênticas a todas as outras entrevistas, realizadas em 2015. Os outros entrevistados, todos brasileiros, foram o crítico de arte e poeta Ferreira Gullar (que atuou principalmente no Rio de Janeiro), o industrial e colecionador de arte Adolpho Leirner e o artista e designer Alexandre Wollner (ambos sediados em São Paulo).

Almir Mavignier nasceu em 1925 no Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil. Nessa cidade teve aulas de pintura com alguns professores em fins da década de 1940. Lá, enquanto funcionário do Hospital Psiquiátrico Pedro II, inaugurou o ateliê artístico com a médica psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999), que acreditava em a arte ter um poder terapêutico para os doentes mentais. O meio artístico do Rio de Janeiro de então, capitaneado pelo crítico de arte Mário Pedrosa, passava progressivamente a entender a produção do doente mental como arte. Assim, ia-se além do valor científico e terapêutico atribuído a esse material por Nise da Silveira, que estava ligada aos estudos do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Jung (1875-1961). A essa produção davam o nome de arte do louco, nomenclatura que de todo modo subsiste até hoje, nos estudos de arte e em alguns museus de arte.

A influência da dita arte do louco sobre Mavignier se dá no sentido de auxiliá-lo a romper com a arte figurativa e acadêmica, então prevalentes no país. Para a socióloga brasileira Gláucia Villas Bôas, “O ateliê [do Hospital Psiquiátrico Pedro II] foi uma peça-chave na realização do projeto da arte concreta, enfrentando duplamente o academicismo da Escola Nacional de Belas Artes e o modernismo apregoado pela Semana de Arte Moderna de 1922” (Bôas, 2008: 199). Inclusive para outros artistas, como Abraham Palatnik e Ivan Serpa, o ateliê do hospital psiquiátrico e o convívio com Mário Pedrosa foram essenciais para que abandonassem a figuração.

Já no ano de 1949 Mavignier se interessava pela arte abstrata, passando a se envolver com o grupo do artista Ivan Serpa (1923-1973) a partir desse ano. Em 1950 realizou sua primeira exposição individual, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, já influenciado pela arte concreta, foi a Paris em viagem de estudo. Até 1954 fez, com bolsas de estudo, dezenas de viagens pela Europa, muitas das quais a bordo de

uma Vespa com *sidecar*, e também pelos Estados Unidos, de modo que “essa experiência me informou o que é pintura, escultura e arquitetura, o que contribuiu para o meu trabalho como pintor e gráfico” (apud Amaral, 2000: 24). É necessário lembrar que, no Brasil, museus de arte mais sólidos, com acervos mais significativos da história da arte, surgiram apenas no fim da década de 1940.

Até romper com a figuração à época do ateliê do hospital psiquiátrico, o jovem artista produzia obras como retratos, cenas interiores, naturezas-mortas. Antes de partir para a abstração estritamente geométrica (calculada e medida), ele produziu telas de uma abstração solta. Mesmo uma peça intitulada *Aquarela concreta* (1949) não tem os elementos que identificariam o concretismo que se estabelece na década seguinte: uso de instrumentos para realizar linhas perfeitas, preferência por tinta a óleo ou tinta automotiva, certa limitação da paleta de cores, etc.

Entre 1953 e 1958 Almir Mavignier estudou na Escola Superior da Forma — que foi referência fundamental para o concretismo brasileiro — em Ulm, cidade nas margens do Danúbio. Nessa mesma escola também estudou Alexandre Wollner (1928), um dos principais nomes do *design* brasileiro, ainda ativo profissionalmente. Lá foi aluno de disciplinas como, por exemplo, política, sociologia, estética e tecnologias. Também lá aprendeu a produzir cartazes, sendo a sua produção cartazística posterior muito reconhecida por *designers*.

Mavignier mora na Alemanha desde 1953, habitando em Hamburgo a partir de 1965. Ali, além de artista e de *designer* gráfico, foi também professor. Ministrou aulas de pintura na Escola de Belas-Artes de Hamburgo, de 1965 até a aposentadoria, em 1990. Em função de retrospectiva em São Paulo, em 2010, afirmou fazer parte do “grupo de pintores concretos”. Mesmo que sem a especificação de europeu ou brasileiro, essa afirmação dá o estilo buscado e praticado por ele até hoje.

O artista brasileiro se naturalizou alemão nos anos de 1980. Na Alemanha tem grande prestígio entre os profissionais, os alunos e o público em geral. Sua obra, nas últimas décadas, tem sido frequentemente exposta, em mostras individuais ou coletivas. No Brasil, apesar das décadas de ausência, apenas com visitas esparsas, seu nome continua presente nas pesquisas

acadêmicas e sua obra é continuamente exposta, também em individuais ou coletivas. É representado pela Dan Galeria, que gentilmente cedeu imagens para esta publicação.

Na entrevista abaixo, curtas frases ora iluminam aspectos da arte concreta, ora lançam quase enigmas a serem decifrados. Foram quinze perguntas, mas o artista se isentou de responder a muitas delas. A formatação das respostas foi mantida.

Presente em algumas das perguntas, Alfredo Volpi (1896-1988), nascido na Itália e radicado no Brasil desde criança, foi figura central na arte brasileira do século XX. Moveu-se de marinhas e fachadas para uma abstração depurada. Por dois anos, na década de 1950, aproximou-se do grupo de artistas concretos de São Paulo e adotou materiais e métodos

por eles utilizados (tintas e régua, por exemplo), deixando assim de lado sua característica têmpera. Muitas vezes tomado como um ingênuo, o crítico de arte Rodrigo Naves (2008) mostra que o artista, muito bem informado sobre os debates artísticos da época, evoluiu por conta própria em direção às suas soluções formais.

Outro artista focado na entrevista é Waldemar Cordeiro (1925-1973), que era o grande condutor dos concretistas de São Paulo. A partir da década de 1960 se envolve com a *pop art* e também posteriormente com a “arteônica”, junção de arte com eletrônica. Já Mário Pedrosa (1900-1981) foi, não só para Mavignier, mas para muitos nomes do meio, um crítico de arte fundamental para o século XX no Brasil. Foi, inclusive, membro fundador da Associação Internacional de Crítica de Arte.



**Figs. 02.** O artista em seu ateliê em Hamburgo, 2008. Fotografia de Delmar Mavignier. Extraída de: VERGARA, Luiz Guilherme. Momentos de luz/ Almir Mavignier. São Paulo: Dan Galeria, 2008.

1 - Como o senhor vê a influência do concretismo na arte contemporânea?

o r d e m e p r o g r e s s o se encontra escrito na nossa bandeira.

está aqui o „segredo“ do êxito do chamado concretismo no brasil?

em todo caso, a necessidade de o r d e m está visualmente presente na pintura

de piero della francesca, de mondrian ou de max bill.

bill acrescentou em 1936, nas „15 variações de um tema“, a „concretização“ de uma ideia sobre a tela.

o chamado concretismo influencia constantemente artistas de tendência não expressionista.

o pintor italiano giotto reúne as duas tendências em sua obra na capela de pádua.

2 - Como era a figura do Waldemar Cordeiro?

waldemar cordeiro, pintor italiano que se radicou no brasil. forte personalidade, dedicou

seu trabalho dentro de um concretismo formal que mais tarde foi influenciado pela „pop

art“.

3 - Qual era outra grande figura do concretismo para o senhor? Pode descrever essa pessoa?

a grande figura no brasil foi mário pedrosa. impossível descrevê-lo em poucas palavras.

procure e veja.

4 - Como se dava a relação do concretismo com a abstração informal?

o „concretismo“ não vem da natureza. abstração informal não existe.

5 - Quais eram os críticos de arte mais importantes para o senhor nas décadas de 50 e 60?

mário pedrosa, rubem navarra, antonio bento, flávio de aquino, santa rosa, entre outros...

6 - Como era relação de Volpi com os concretistas?

houve poetas que faziam objetos e pinturas.

7 - Qual a importância de Volpi para o concretismo?

volpi fez uma pintura naturalista de boa qualidade e se desenvolveu depois através de

pinturas de tendências geométricas (influenciado por pedrosa?)

8 - Foi o concretismo que pôs em primeiro plano tanto Volpi como Oswald de Andrade?

9 - Aparentemente, havia algo inédito no Brasil: crítica e produção artística nas mesmas pessoas. Temos o caso do Waldemar Cordeiro, dos irmãos Campos, do Gullar... Como era isso? Realmente foi uma novidade?

8 e 9

não estou informado

10 - Indica eu entrevistar mais alguém?

tomar cuidado em basear informações através de personalidades conhecidas porquê

„protagonistas não devem escrever história de arte“ . eles se encontram envolvidos.

11 - O que foi importante para a geração concretista se consolidar?

12 - O senhor vê, como viam muitos na década de 70 (Décio Pignatari, Aracy Amaral), uma relação entre a indústria paulista e o concretismo?

11 e 12

não posso responder

13 - Qual o papel dos MAM [Museu de Arte Moderna] e da Bienal [Internacional de São Paulo] nessa época?

a bienal de são paulo sempre foi a fonte de informação sobre arte no brasil.

14 - O senhor concorda com a visão segundo a qual o carioca seria sensual e malandro e o paulista mais frio e racional? Também concorda com as decorrências disso (cariocas mais da prática, paulistas mais teóricos...)?

é um erro de considerar que os cariocas são assim e os paulistas são assados.

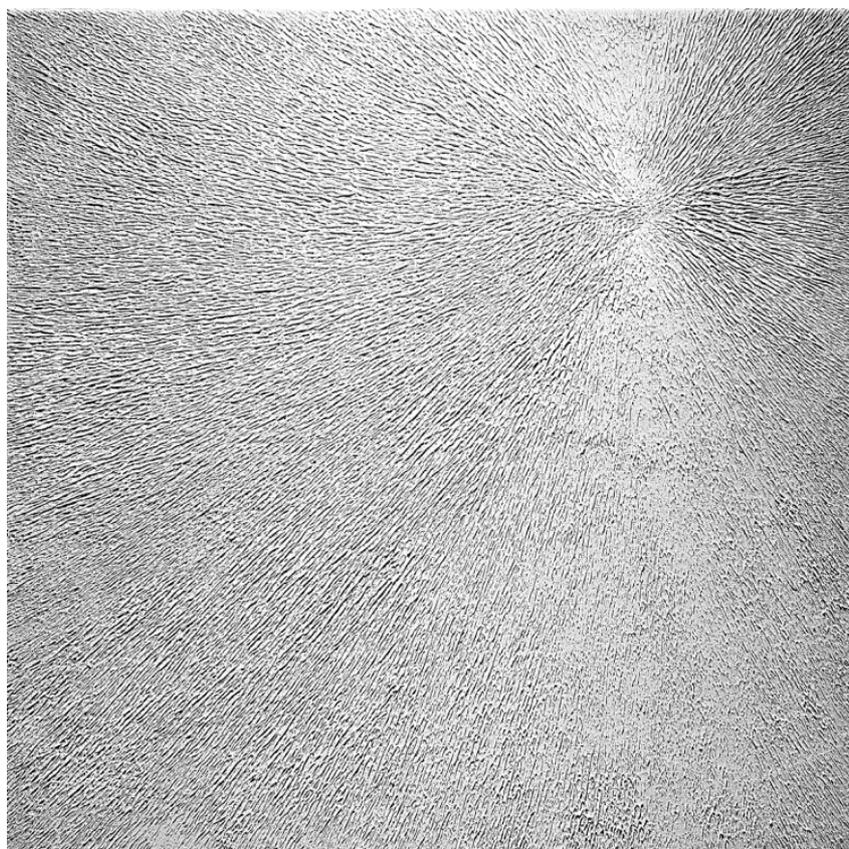
entretanto copacabana se encontra no rio e não em são paulo.

15 - O senhor entende que houve um atraso da chegada da abstração no Brasil em relação à Europa?

sem dúvidas sobre o retardo no brasil.



**Figs. 03.** Vista de conjunto de telas produzidas na década de 1980. Fotografia de Delmar Mavignier. Extraída de: VERGARA, Luiz Guilherme. Momentos de luz/ Almir Mavignier. São Paulo: Dan Galeria, 2008.



**Figs. 04-** *Rotação central branco II*, Almir Mavignier, óleo sobre tela, 100x100 cm, 1981. Imagem cedida pela Dan Galeria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy - *Mavignier 75*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2000.

BOAS, Gláucia Villas - "Estética da conversão: o ateliê do Engenho de Dentro e a arte concreta carioca (1946-1951)". *Tempo Social*, vol.20, n.2 (2008), 197-219.

\_\_\_\_\_- "Concretismo". BARCINSKI, Fabiana Werneck (Org.) - *Sobre a arte brasileira: da Pré-história aos anos 1960*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, Edições SESC. São Paulo: 2014.

COCCHIARELE, Fernando, e GEIGER, Anna Bella - *Abstracionismo geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1987.

NAVES, Rodrigo - "A complexidade de Volpi". *Novos Estudos*, vol.81 (2008), 139-155.

SANTOS, Marko Alexandre Lisboa dos, e PINHEIRO, Olimpio José - "A razão geométrica na obra de Almir Mavignier: das artes visuais ao cartaz". *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Blucher Design Proceedings*, vol.1,

## FILMES

n.4. São Paulo, Blucher, 2014, 309-319.

*Almir Mavignier. Memórias concretas*. Direção: Nina Galanternick. Produção e pesquisa: Gláucia Villas Bôas. 26 min. Rio de Janeiro: NUSC/UFRJ/CNPq, 2006. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/artes/almir-mavignier-%E2%80%A2-memorias-concretas/>

*Almir Mavignier: docugrafias*. Direção e produção: Delmar Mavignier. 5 min. 2010. Disponível em: <https://vimeo.com/15286322>